

---

# O QUILOMBOHOJE, O GRUPO NEGRÍCIA E O DEBATE PIONEIRO SOBRE O ENSINO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS 1980

## QUILOMBOHOJE, NEGRÍCIA GROUP AND THE PIONEERING DEBATE ABOUT AFRO-BRAZILIAN LITERATURE TEACHING IN THE 1980S

---



Andressa Marques da Silva

[aadressammarques@gmail.com](mailto:aadressammarques@gmail.com)

Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). É Mestre em Literatura e graduada em Letras Português pela mesma universidade. Dedicou-se ao estudo da formação dos(as) leitores(as) e a autoria negra refletindo sobre a experiência literária na formação das subjetividades dos(as) estudantes.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Muito antes da sanção da lei 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira em todo o currículo escolar, especialmente na área Literatura, o movimento negro discutiu a necessidade de a escola brasileira voltar-se à herança cultural de negros(as) em seus conteúdos. Neste artigo, discuto o debate realizado, nos anos 1980, por coletivos literários como o Quilombhoje (SP) e o grupo Negrícia (RJ) acerca do papel do ensino de literatura afro-brasileira na formação dos(as) estudantes. Com isso, busco refletir sobre o *continuum* criativo do movimento negro no Brasil a fim de revelar o percurso histórico das lutas em prol do conhecimento sobre a sociedade brasileira elaborado por negros e negras ao longo dos tempos.

ensino de literatura; Grupo Negrícia; Lei 10.639/2003; literatura afro-brasileira; Quilombhoje.

Long before the sanction of Law 10.639/2003, which instituted the mandatory teaching of African and Afro-Brazilian culture throughout the school curriculum, especially in Literature, the black movement discussed the necessity of the Brazilian school to return to cultural heritage of black people in its contents. In this article, I discuss the debate held in the 1980s by literary collectives such as Quilombhoje (SP) and the Negrícia Group (RJ) about the role of Afro-Brazilian literature teaching in the education of students. With that, I seek to reflect on the creative continuum of the black movement in Brazil in order to reveal the historical path of the struggles for knowledge about Brazilian society elaborated by black men and women over time.

literature teaching; Negrícia Group; Law 10639/2003; Afro-Brazilian literature; Quilombhoje.



### Dossiê

Ressonâncias de escrituras:  
literatura, antirracismo e educação  
literária

### Organizadoras:

Dra. Adriana de F. A. L. Barbosa

Dra. Milena Britto de Queiroz

Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

v. 30, n. 57, dez. 2021

Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v30i57.39551

### Fluxo da Submissão

Submetido em: 28/08/2021

Aprovado em: 26/11/2021

Distribuído sob



Ainda à época da Imprensa Negra, do início do século XX, a literatura aparecia nas reivindicações de instrução realizadas pelos dirigentes da Frente Negra Brasileira, a FNB, (1931-1937) nos exemplares do periódico que publicavam, pois, a prática da leitura era por eles extremamente valorizada. Na edição de 17 de junho de 1933, d'*A voz da raça*, o texto “A vitória do negro está no Livro” deixa isso nítido em seu primeiro parágrafo: “Para a vitória final da raça negra no Brasil, duas coisas são indispensáveis. O livro e a união”. O texto revelou ainda ser ancorado em anseios tangíveis para a instrução da população negra ao ponderar que: “Com isto [a inserção do livro na experiência social negra], não queremos manter o espírito do negro a ideia de se formar literatos, como Machado de Assis, na literatura [...] Queremos apenas, cerrar fileiras no desenvolvimento moral e intelectual da raça negra” (A VOZ DA RAÇA, 17/06/1933, p.4)<sup>1</sup>. Ainda no mesmo texto, João B. Mariano, seu autor, avaliou:

Não há quem não saiba de sobejo que da família negra, desde os tempos primordiais até os nossos dias, têm saído homens de valor incontestável, tanto no campo espinhoso das letras, como na arena gloriosa da política. Mas, no entretanto, para chegarmos ao fim de que vimos tratando, é necessário que desfolhemos boas bibliotecas, fundemos cursos de reputado valor e enfrentemos com coragem as dificuldades que nos antepuserem. (A VOZ DA RAÇA, 17/06/1933, p. 4, grifo meu)

Esse trecho demonstra o quanto os livros, as bibliotecas e o incentivo à leitura surgiam na Imprensa Negra como espaço de disputa

essencial para o alcance da educação e para a consolidação da cidadania das famílias negras. Iniciei o presente artigo convidando o(a) leitor(a) a olhar o passado a fim de que possamos juntos refletir sobre o papel do movimento negro brasileiro nas discussões sobre como fazer a herança cultural presente nas escolas como parte do conhecimento inegociável para a formação integral dos(as) estudantes. O objetivo do artigo é discutir a contribuição de coletivos literários como o Quilombhoje, de São Paulo, e o grupo Negrícia<sup>2</sup>, do Rio de Janeiro, no debate acerca do papel do ensino de literatura afro-brasileira na formação dos(as) estudantes durante a década de 1980 a fim de contribuirmos à reflexão da ideia de *continuum* criativo do movimento negro no Brasil, ou seja, revelar o percurso histórico das lutas em prol do conhecimento sobre a sociedade brasileira elaborado por negros e negras ao longo dos tempos. Tal percurso, apropria-nos a pensar sobre as conquistas do presente e os desafios do futuro com mais substância.

Os anos 1980 estruturaram e fomentaram reflexões que atravessam os estudos acerca da literatura afro-brasileira ainda hoje. Os eventos literários e as publicações dos grupos Quilombhoje<sup>3</sup> e Negrícia apontam para o *continuum* criativo de pessoas que se organizaram em defesa do acesso à educação para os seus, mas tendo sempre no horizonte de expectativas o tipo de educação que almejavam, que incluía as suas próprias literatura e história. Os *CADERNOS NEGROS*, antologia de literatura afro-brasileira nascida em 1978 e publicada até hoje, surgiu dos encontros e reuniões do Cecan<sup>4</sup>,

1 Para ler o texto “A vitória do negro está no Livro” na íntegra: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845027&Pesq=%22Guerra%20do%20Paraguai%22&pagfis=52>. Último acesso em 10 de maio de 2021.

2 O coletivo de escritores e escritoras Negrícia, Poesia e Arte de Crioulo, do Rio de Janeiro-RJ, foi fundado em 1982 e reuniu poetas e ficcionistas que publicavam suas obras questionadoras das narrativas que a nação impunha. O grupo está na ativa ainda hoje e em 2019 publicou a antologia poética *Amor e outras revoluções* organizada por Éle Semog.

3 O Quilombhoje, surgido em 1978, é um coletivo de escritoras e escritores negros que abriga autores novos e também veteranos em suas longevas páginas dos *CADERNOS NEGROS*, sua principal publicação. Em seus números, a antologia reúne ora poemas, ora contos, tendo publicado escritores como Cuti, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Oswaldo de Camargo, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Ferréz e tantos outros. O coletivo Quilombhoje realizou intensa articulação em prol da discussão teórica acerca do conceito de literatura negro-brasileira, como discuto neste artigo.

4 O Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan), surgido em São Paulo no ano de 1971, foi uma entidade negra com missão cultural e social que contribuiu de maneira importante para a consolidação do debate racial naqueles anos 1970. A entidade foi uma espécie de elo entre gerações do movimento negro, pois teceu diálogos com militantes históricos como José Correia Lei-

como relatado por Cuti, em entrevista a Charles H. Rowell. Ali existiam pessoas ligadas à área das letras, e elas amadureceram a ideia de organizar uma própria antologia, na qual pudessem publicar seus contos e poemas: “Inicialmente, a ideia nasceu comigo e com o Hugo Ferreira e, em 1978, fizemos a publicação de um pequeno livro e já sabíamos que a série iria continuar. [...] E dali em diante fiz a antologia com a ajuda de outros escritores, ajudas eventuais, e sempre com a participação financeira de cada um” (ROWELL; CUTI, 1995, p. 901).

A ação coletiva deu à luz essa publicação, que desempenhou papel importante na consolidação da discussão sobre a literatura negra, bem como nas reflexões dos escritores e escritoras sobre seu fazer literário e a literatura brasileira. O caminho para essa percepção foi o resultado de um acúmulo de reflexões promovidas ao longo de muitos anos e que constou das páginas da imprensa negra brasileira também, já que a publicação *Cadernos Negros* nasceu no seio das discussões da “geração de julho de 1978” e contou com prefácio de ativistas nos cinco primeiros números, segundo Mário Augusto Medeiros Silva (SILVA, 2011, p. 317).

Não satisfeito com a publicação de sua literatura, o grupo que se reunia no Cegan para discutir essa arte deu outro passo em meados de 1980 ao criar o Quilombhoje, que nasceu com o objetivo de ser um espaço que congregasse a especificidade da discussão da literatura afro-brasileira de maneira pública. Os seus idealizadores, a saber, Oswaldo de Camargo, Cuti, Abelardo Rodrigues, Paulo Colina e Mario Jorge Lescano, queriam que o grupo fosse identificado como coletivo que pensasse a literatura, e me interessa, especificamente, a noção de “retomada histórica” proposta no nome do grupo, segundo Cuti:

[...] Eu sugeri o nome Quilombo, mais a palavra hoje, que daria Quilombhoje. Uma das coisas que achei curiosa nesse nome, que as pessoas aceitaram, é que a palavra

Quilombhoje tem “bojo” embutida. Ela é um neologismo que inclui a atualidade do Quilombo, a noção de nossa retomada histórica e também ela inclui a palavra bojo, ou seja, a nossa literatura está no bojo de um movimento maior, que é o Movimento Negro Nacional (ROWELL; CUTI, 1995, p. 901).

A ideia de *continuum* criativo existente no movimento negro, a qual operou a produção, a manutenção e o compartilhamento do conhecimento elaborado pela e sobre a experiência social dessa população, foi articulada no Encontro Nacional Afro-Brasileiro realizado no Centro de Estudos Afro-Asiáticos no período de 29 de julho a 1º de agosto de 1982. Um dos temas do evento foi “Literatura afro-brasileira pós-70”, e ele contou com expositores do Quilombhoje que colaboravam com os *Cadernos Negros*. É a partir da publicação das comunicações desse encontro no número 8-9 da *Revista de Estudos Afro-asiáticos*, de 1983, que podemos ter acesso à contribuição “Um caminho para a literatura afro-brasileira”, de Estevam Maya-Maya, colaborador dos *Cadernos Negros*. O escritor situa a literatura afro-brasileira como formadora da herança cultural do país, sendo necessário: “exaltar veementemente a nossa contribuição à formação cultural do país, reavivando a nossa memória”, pois ela é “o principal sustentáculo de uma comunidade, de um povo, de uma nação” (MAYA-MAYA, 1983, p. 233). Para isso, a educação formal, que sempre articulou a trajetórias de lutas sociais do movimento negro brasileiro, é destacada como um dos horizontes de expectativas dessa literatura:

É através de uma instituição forte, congregando também autores de outras etnias, que poderemos encaminhar aos organismos competentes a nossa disposição, como autores marginalizados, de *sermos inseridos no ensino oficial em todos os níveis, contestando o argumento de que não têm sido adotados autores africanos, em livros didáticos, por falta de uma consistente literatura afro-brasileira contemporânea*. [...] Propomos a

---

te da Associação Cultural do Negro (1954-1976), a ACN, bem como com a chamada “geração de julho de 1978”, aquela que fundou o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUDCR) que, por sua vez, teve papel preponderante na luta por justiça social para negros e negras.

elaboração de uma antologia de autores afro-brasileiros atuais, organizada de forma eminentemente didática, visando atingir, numa primeira instância, estudantes de 1º e 2º Graus. E também a elaboração de uma obra de autores afro-brasileiros “branquificados” intencionalmente pela história oficial, contendo dados biográficos e apreciação crítica de sua criação literária. O objetivo dessa obra não seria uma mera constatação, mas transferir os autores para a sua legítima origem, como também informando às novas gerações da existência de seus representantes de outrora. (MAYA-MAYA, 1983, p. 234, grifos meus)

Constatamos que a discussão sobre quem eram o autor e a autora da literatura afro-brasileira aparece nas reflexões de Maya-Maya numa perspectiva de integração. Contudo, de fato isso esteve longe de ser um consenso entre outros escritores e escritoras colaboradores dos *Cadernos Negros* e integrantes do Quilombhoje. Para ficar em apenas um caso, Cuti e toda sua reflexão sobre o conceito de literatura negro-brasileira vai numa direção oposta a de Estevão Maya-Maya. No entanto, o que destaca nessa reflexão é a noção de articulação dessa literatura como um conhecimento que deveria ocupar as salas de aula e os livros didáticos. Para isso, o autor considera haver a necessidade de ela estar inserida em todos os níveis de ensino e, ainda, de contra-argumentar os que diziam que ela não estava na escola por ser inconsistente. Então, era necessária a elaboração de uma antologia de autores afro-brasileiros que atingisse estudantes do 1º e 2º graus, além da produção de uma obra que realocasse, na literatura afro-brasileira, autores que foram embranquecidos pela história oficial. É notório que esses anseios e projetos, que naquele momento estavam no horizonte de expectativas, acabaram se concretizando e integrando parte da força-motriz da longa e sólida trajetória dos *Cadernos Negros* nos últimos 42 anos. Como avaliou a escritora Esmeralda Ribeiro, a publicação é “uma referência didática nacional para a educação antirracista” (RIBEIRO, 2020, p. 28-29).

Nesta comunicação, Maya-Maya ainda falou sobre a necessidade de criação de: “Uma

literatura infanto-juvenil afro-brasileira inspirada em nossas lendas, mitos, enfim, em todos os elementos culturais a nós legados, visando dar a conhecer à nossa juventude que ela não é desprovida de tradições culturais” (MAYA-MAYA, 1983, p. 234). Não só a discussão realizada por Estevão Maya-Maya nessa primeira publicação demarcou e revelou ao público e à crítica os pontos de vista dos escritores e escritoras do Quilombhoje, individual e coletivamente, mas também outras, que abordarei adiante, mostram o lastro do debate que congregou a educação e a literatura, como estradas que se cruzam, ao longo do *continuum* criativo do movimento negro, pois deixa nítido que o descompasso do currículo é também alvo histórico nas disputas sociais encabeçadas por negros e negras.

A noção de continuidade também é demarcada em outra publicação fundamental do Quilombhoje, o livro *Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira* (1985), resultado da Noite da Literatura Afro-Brasileira, realizada no III Congresso de Cultura Negra das Américas, em 1982, na PUC-SP. Ali o coletivo se localizou em um *continuum* criativo histórico: “É parte de uma luta que nos transcende, pois teve início muito antes e vai continuar depois de nós. Isso enquanto persistirem as pressões que fazem da nossa vida uma subvida” (QUILOMBHOJE, 1985, p. 14). Esse trecho, que está na introdução da publicação, é parte dos esforços do grupo em definir conceitualmente sua compreensão para a literatura afro-brasileira. O texto continua: “Portanto, não vamos escamotear a questão ideológica ligada à literatura nem tampouco reduzir esta ideologia àquela” (QUILOMBHOJE, 1985, p. 14). A necessidade de uma compreensão estética e ideológica para a literatura do grupo fez-se presente ali e apontou para a especificidade do que produziam, apesar de não haver um consenso entre os nomes para designá-la: literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira, cada um sendo utilizado pelos escritores e escritoras do grupo e seus textos. Para mim, a enunciação de uma visão de mundo própria, que aparece como norte inegociável entre os

escritores, independentemente da terminologia que utilizem para definir suas produções, corporifica uma perspectiva na literatura brasileira e influencia também em sua autopercepção – ou ao menos deveria.

O movimento histórico que fundou o conceito moderno de literatura, tão caro às abordagens literárias nos bancos escolares, foi burilado em um contexto de grandes mudanças na sociedade, que, para definir-se, precisou amalgamar signos internos. A literatura, as belas-letas serviram de canal para a demarcação da herança cultural de cada Estado-nação que se formava no início do século XIX. Aliado a isso, houve uma popularização da figura dos leitores, o que levou a um recrudescimento da ideia do que seriam as belas-letas. Ao que parece, há um movimento semelhante nas incansáveis discussões na literatura brasileira em torno do termo que designa a elaborada por negros e negras, pois a definição está na contraposição ao externo já na gênese da formação do conceito moderno de literatura. O caminho para que a distinção não gere uma fissura intransponível entre as perspectivas que produzem a literatura brasileira passa pela sala de aula, como indicado pelos escritores do Quilombhoje e, antes, pelos ativistas da imprensa negra do início do século XX. Ampliar a compreensão da herança cultural brasileira e dos conhecimentos que a formaram poderá mobilizar a literatura brasileira a entender-se mais uma vez, pois ela nunca foi uma só.

O escritor Paulo Colina, na edição de número 2 dos *Cadernos Negros*, refletiu sobre seu fazer literário, que se referenda numa gênese oral, algo muito presente nas tradições literárias não ocidentais: “Não sou um negro escritor e muito menos um escritor negro. Na verdade, sou um contador de es/histórias tal como meu avô ou meu tio-avô [...] Sou um repórter do dia a dia, da nossa realidade. Sou um olho nas vilas, favelas, cortiços, nos sambas, na cidade-vida nossa (COLINA, 1979, p. 103 *apud* SILVA, 2011, p. 315). Já Cuti, em sua apresentação da edição de número 5 dos *Cadernos Negros*, reflete: “Somos aqueles que foram obrigados a comer espinhos e são obrigados a vomitar flores, porque a digestão não se realiza [...] A

meta é deixarmos de ser ‘o outro’ na vida literária de nosso país” (CUTI, 1982, p. 16 *apud* SILVA, 2011, p. 318). As discussões, os debates e os esforços de autodefinição, como esses presentes nos números 2 e 5 dos *Cadernos Negros*, foram o cerne dos vários eventos literários organizados, em sua maioria, pelo Quilombhoje, nos anos 1980. O ar foi de retomada, pois o golpe civil-militar de 1964 havia interrompido o fluxo do *continuum* criativo do movimento negro, mas o elo estabelecido entre esses jovens ativistas e os militantes mais velhos das associações embalou a memória coletiva que reconectou o passado e fez as lutas seguirem em frente. Para Mário Augusto Medeiros da Silva: “Os debates e esforços da década de 1980 podem ser entendidos, desta maneira, como uma continuidade de uma trajetória perene de ativismo político e cultural, além de luta social por direitos do grupo negro literário em São Paulo” (SILVA, 2015, p. 164). Por isso, passo agora a refletir sobre as discussões estabelecidas a respeito da literatura e da educação nesses eventos em que o Quilombhoje pode amadurecer, cada vez mais, a compreensão sobre a literatura afro-brasileira.

### Os eventos literários dos anos 1980 e as discussões sobre literatura e educação

A década de 1980 foi marcada pela realização de eventos literários, sendo dois deles internacionais, em que foi debatido tanto o conceito de literatura afro-brasileira quanto o fazer empregado pelos escritores e escritoras. Entre os mais destacados estiveram: o III Congresso de Cultura Negra das Américas, de 1982, em São Paulo, onde aconteceu a chamada “Noite da Literatura Afro-Brasileira”; a Mostra Internacional de São Paulo – Perfil da Literatura Negra, de 1985; o I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros, de 1985, em São Paulo; e a III Bienal Nestlé de Literatura, de 1986, em que ocorreu o seminário “O negro na literatura brasileira”, também na capital paulista. Sobre o papel desses eventos, refletiu Estevão Maya-Maya: “[Permitiram] aos escritores e intelectuais afro-brasileiros o estabelecimento de um intercâmbio que tem

favorecido alcançar o que se vem produzindo ultimamente em torno de negritude ou afro-brasilidade” (MAYA-MAYA, 1987, p. 109).

O primeiro evento foi o III Congresso de Cultura Negra das Américas, na PUC-SP, que resultou na publicação da obra do Quilombhoje (1985) *Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira*, já em 1985, pelo Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra de São Paulo. A obra consolidou e reconheceu o grupo como entidade fundamental da comunidade negra no campo literário e também como uma via de expressão livre e independente do movimento, segundo Mário Augusto Medeiros da Silva (SILVA, 2015, p. 168).

O segundo foi a Mostra Internacional de São Paulo – Perfil da Literatura Negra, que reuniu intelectuais brasileiros e estrangeiros em torno da discussão dessa produção literária. Entre os convidados estavam escritores como James Baldwin (1924-1987) e Luandino Vieira, nascido em 1935. O texto “Em debate a literatura negra”, veiculado na Folha de S.Paulo (EM DEBATE, 1985), divulgou as mesas que comporiam o evento: A literatura negra como forma de resistência, A recodificação do mundo pelo negro na diáspora através da literatura, Negritude, conceitos e caminhos, Literatura e identidade, O personagem negro na literatura, A literatura africana pós-independência, e Estereótipo do negro nos meios de comunicação. A presença desses temas no evento revela o lastro das discussões que passaram a compor a seara dos debates literários anos depois, principalmente a partir dos anos 2000, fato que, se perdido de vista, ajuda a sedimentar o esquecimento do conhecimento elaborado por negros e negras, fomentando os desdobramentos que isso ocasiona.

Além de James Baldwin e Luandino Vieira, que estavam entre os convidados, mas não compareceram ao encontro, a Mostra Perfil da Literatura Negra contou com a participação de

intelectuais e ativistas destacados(as) nas lutas pela independência de países africanos, como Leopold Sedar Senghor (1906-2001) e Aimé Césaire (1913-2008). Também estiveram entre os debatedores os escritores Muniz Sodré (nascido em 1942) e Manuel Rui Monteiro (nascido em 1941). A discussão girou em torno tanto da definição da literatura negra, seu papel antirracista e articulador de um processo de descolonização nos imaginários quanto da presença de Machado de Assis como autor dessa literatura.

O debate em torno da autoria negra de Machado de Assis também esteve presente no I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros, ocorrido em 1985, mas articulado entre 1983 e 1984 pelos coletivos literários Quilombhoje, de São Paulo, e Negrícia, do Rio de Janeiro. Entre os objetivos do evento, estabelecidos pela comissão nacional organizadora do encontro<sup>5</sup>, estavam avaliar a produção literária negra recente e redimensioná-la com as obras de autores como Luiz Gama, Cruz e Sousa, Machado de Assis, Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade e outros. A apresentação do livro *Criação Crioula, nu elefante branco* (1987), no qual foram compiladas as discussões e os textos do evento, também considerava discutir o eurocentrismo da indústria cultural, revelado pelo “bloqueio editorial” aos escritores e escritoras negras ou pela solidariedade “negrófila”<sup>6</sup>.

Esse livro apresenta o debate feito pelos escritores e escritoras a respeito da abordagem da literatura afro-brasileira no currículo escolar, os projetos realizados pelos coletivos literários nas escolas, as estratégias e os desafios do caminho de consolidação dessa literatura na sala de aula. O texto “Movimento negro e educação”, de Deley de Acari<sup>7</sup>, discute como livros didáticos da então chamada “área de Comunicação e Expressão” criam assimilações de imagens problemáticas para a constituição da subjetividade negra:

A arte literária, um dos objetos de estudo

5 Compunham a comissão organizadora do evento: Arnaldo Xavier, Cuti e Mirian Alves.

6 Como consta no texto “Simplesmente histórico”, que apresentou o I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, no livro *Criação crioula, nu elefante branco* (1987).

7 O poeta Deley de Acari é um ativista e liderança da comunidade de Acari no Rio de Janeiro. O Centro Cultural Poeta Deley de Acari (CCPD) é palco de atividades educativas, cineclubes, saraus, festas promovidas pelo próprio Deley e outros ati-

do currículo da área de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa, é um dos pilares de sustentação desta sociedade através da Educação idealizada não para libertar o homem, mas para torná-lo permanentemente servil. A literatura na escola, em conjunto com as áreas de História e Geografia, é usada como instrumento de transmissão de servilismo e dependência. A literatura tem efeito subliminador que a História e a Geografia fazem no real. Uma criança, que folheia seu livro de português durante um ano letivo, terá gravada na mente cada ilustração, cada frase, cada palavra, cada sílaba dos romances, contos, poesias, crônicas, etc., que interpretar ou fazer análise gramatical. No manuseio diário do livro, os valores sociais, políticos, de classe, culturais e religiosos do autor, o que ele pretende transmitir implícita ou explicitamente em seus textos, serão assimilados com “naturalidade” pela criação a cada ano, por cerca de uma década e meia. (ACARI, 1987, p. 67)

O escritor apresenta uma reflexão aguda da realidade dos estudantes da educação pública brasileira. Por vezes, o livro didático é a única obra disponível em casa ou mesmo nas escolas, por isso, é uma publicação importante para sua formação cultural e cujo impacto não deve ser menosprezado, pois transmite o conjunto de valores que interessam à vida em sociedade. Como se vê, o *continuum* criativo que articulou a educação como eixo central nas lutas sociais do movimento negro alcançou uma reflexão mais consolidada em relação ao papel da literatura nessa publicação do Quilombhoje. Deley de Acari aprofunda a reflexão sobre o impacto dos estereótipos racistas nos livros didáticos<sup>8</sup> refletindo sobre a abordagem da obra de Monteiro Lobato:

Quando um texto, do racista Monteiro Lobato, é lido para uma criança sem nenhum senso crítico, ela introjeta e acaba assimilando, como seus, os arquétipos da

velha estrutura escravocrata das fazendas de café de São Paulo e do Rio de Janeiro, que subsistem ainda hoje: o preto velho humilde e manso, a supersticiosa preta velha cozinheira da casa grande, a benévola latifundiária, seus netos parasitas que vêm passar as férias na fazenda, os empregados matutos, objetos de chacota e ridicularização por parte destes meninos da cidade (ACARI, 1987, p. 67).

Os intelectuais interessados em uma mudança na abordagem da literatura na sala de aula deveriam, então, ocupar-se também da herança cultural estabelecida como de valor no material didático e no currículo em voga. Deley de Acari ainda pondera que, de fato, a literatura negra já estava chegando às escolas a partir do trabalho coletivo de escritores(as), professores(as) e ativistas, apostando que, num futuro breve, haveria uma mudança nos currículos, que viria de baixo para cima:

A Literatura Negra está chegando às escolas cada vez com mais frequência, quer em recitais realizados por poetas negros com apoio de diretores e professores, quer com a inserção de seus textos para a interpretação e análise gramaticais, sem que tenha ocorrido até agora uma mudança no atual currículo escolar, *que mais cedo ou mais tarde será modificado de baixo para cima*. O trabalho pioneiro de poetas, alunos e professores, no que concerne a língua portuguesa, não efetuará sozinho esta transformação, mas certamente, terá seu importante papel reconhecido pelos negros, brancos e mestiços que estão se unindo para edificar uma nova sociedade, para além das novas velhas repúblicas, onde o oprimido liberto da opressão, uma vez vencido seus opressores, seja protagonista, autor e diretor de suas próprias histórias e estórias (ACARI, 1987, p. 69, grifos meus).

O *continuum* criativo do movimento negro, que viabilizou a elaboração e a manutenção do conhecimento ao longo dos anos, surge

---

vistas da cultura. No CCPD também funcionam aulas gratuitas preparatórias para o vestibular de segunda a sábado. Ele atua há 40 anos como animador cultural e instrutor de futebol para jovens e crianças da favela de Acari. Por conta de sua atuação em defesa dos direitos humanos na região, foi vítima de ameaças por parte da polícia, o que gerou uma campanha pública pedindo proteção para o ativista para o governador do estado do Rio de Janeiro em 2016. Para saber mais sobre Deley de Acari, ver: <http://deleydeacari.blogspot.com/>. Acesso em: 17 mai. 2021.

8 Para mais sobre o assunto, ver Munanga (1999).

corporificado em uma reflexão aguda do escritor. Ele atesta o desenvolvimento do trabalho que estava sendo realizado nas escolas, mesmo que em uma escala local, projetando o resultado da empreitada em uma mudança curricular concebida de baixo para cima.

Houve um debate, registrado no livro em discussão, entre os escritores e escritoras em torno das estratégias e ações dos grupos Negrícia e Quilombhoje para que esse caminho continuasse a ser trilhado. Hermógenes Almeida Filho, por exemplo, falou sobre o projeto do Negrícia de levar poesia e literatura negra às escolas de 1ª e 2ª graus, os atuais Ensino Fundamental e Médio. Sobre isso, Deley de Acari completou dizendo tratar-se de um projeto firmado em parceria com a Secretaria de Educação. Já pensando nos desdobramentos de ações semelhantes em outras localidades, Hermógenes Almeida Filho sugeriu que o resultado do encontro fosse enviado aos órgãos ligados à educação nos níveis estadual e federal e justificou: “Se pretendemos introduzir a poesia negra no currículo, temos que fazer chegar as questões polêmicas ao conhecimento público.” Já Ari Cândido concordou com Almeida Filho e completou dizendo que o melhor seria “colocar no currículo não só poesia e literatura negra, como outros estudos históricos” (ACARI; CÂNDIDO; FERREIRA; ALMEIDA FILHO, 1987, p. 21-23).

Apesar de não haver na obra discutida registros sobre o desdobramento dos encaminhamentos do I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros, o debate propositivo evidencia em que termos o problema da ausência da literatura negra nos currículos era tratado entre os escritores e escritoras dos grupos Quilombhoje e Negrícia, revelando que muito estava sendo feito e ainda havia por fazer para que o chão da sala de aula fosse mais acolhedor e garantisse a transmissão da herança cultural negra na formação da juventude brasileira. Vale destacar que o ensino superior também não foi esquecido pelos debatedores, pois J. Abílio Ferreira falou sobre a importância da

“revisão da história com a recuperação da nossa participação ao longo dela” não só nos livros, mas também nos meios de comunicação e emendou:

É incrível que numa faculdade de comunicação, por exemplo, ninguém conheça *Cadernos Negros*, imprensa negra. Estudantes negros de jornalismo não conhecem imprensa negra. Precisaria haver um intercâmbio para que as pessoas que vão sendo absorvidas no mercado de trabalho, seja em que área for, tenham esta preocupação e tragam experiências para que a gente possa amarrar isto de alguma maneira. (ACARI; CÂNDIDO; FERREIRA; ALMEIDA FILHO, 1987, p. 26)

Então, o conhecimento elaborado pela literatura e pela imprensa negra é retomado como ferramenta relevante para o mercado de trabalho pelo menos para os estudantes de jornalismo, segundo o escritor. Até mesmo a maneira pensada por J. Abílio para a propagação desse saber entre os interessados é mais um exemplo de como foi encadeado o próprio fazer do movimento negro ao longo de sua história.

Para concluir essa discussão que destaca a reflexão sobre a educação e a literatura nos eventos literários que movimentaram o debate nos anos 1980, passo a pensar sobre a III Bienal Nestlé de Literatura, de 1986, que contou com a seção “O negro na literatura brasileira” durante um dia de discussões. Esse evento obteve menos destaque nos jornais da época, mas ainda teve um número expressivo de participantes, entre eles: o crítico literário Leo Gibson Ribeiro, o escritor Abelardo Rodrigues, os sociólogos Clóvis Moura, Joel Rufino dos Santos e Octavio Ianni, além dos escritores Adão Ventura, Audálio Dantas, Éle Semog, Oliveira Silveira, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e uma única escritora, Ruth Guimarães<sup>9</sup>. Como se percebe, a presença das escritoras negras foi muito pequena em comparação aos negros, e o fato de Ruth Guimarães não ter se envolvido com a defesa da estética negra como o *ethos* criativo da literatura negra – o que não se tradu-

9 Ruth Guimarães nasceu em Cachoeira Paulista (SP) em 13 de junho de 1920, apenas três anos após o falecimento de Maria Firmina dos Reis. Além de romancista e contista, foi poeta, cronista, jornalista, teatróloga, tradutora e grande pesquisadora

ziu em um abandono das questões relativas à construção da subjetividade negra em suas obras – provocou discussões entre os debatedores.

O pesquisador Mário Augusto Medeiros da Silva (2015) teve acesso a uma reportagem, veiculada no *Jornal do Conselho da Comunidade Negra de São Paulo*, que apresentou as discussões e os posicionamentos dos escritores presentes no evento. Entre eles, Ruth Guimarães proferiu densas e marcantes reflexões acerca da literatura negra, fazendo diferença entre aquela em que o sujeito negro era objeto e aquela em que era sujeito. A autora vinculou suas obras à última:

Ruth Guimarães, que ressaltou ser professora, estabeleceu a diferença entre a literatura do negro, onde o mesmo é sujeito, e a literatura sobre o negro, onde é objeto das ações. [...] Ruth, que se definiu mulher, negra e caipira, deu depoimento altamente otimista, embora marcado pelo realismo. Depois de dizer que a máquina de escrever é a sua arma, afirmou que é totalmente livre, e que conquistou cada centímetro de seu espaço. *Disse ainda que seus personagens negros são feitos de pedra e de aço, e que por meio de sua literatura ou mesmo falando a plateias como aquela, pregava sempre o orgulho: Nós estamos aqui. Queiram ou não. Só falta sermos o povo brasileiro.* Para Ruth, lugar de negro é em todos os lugares, principalmente a escola. E indagou: sem escola, sem orgulho e sem um livro nas mãos, o que nos resta? (SILVA, 2015, p. 191, grifos meus)

Ruth Guimarães se posicionou como autora da literatura do negro, aquela em que ele é sujeito e sua liberdade criativa, expressada. A autora, que teve sua trajetória literária trilhada de maneira mais solitária, desde os anos 1940, sem participar de projetos coletivos ou associações, não foi considerada uma autora da literatura negra por seus pares durante anos; no entanto, sua obra alcança a fronteira

entre o que delimita a condição humana e o que atravessa a subjetividade de cada um para formá-la. Por isso, refletiu serem seus personagens negros feitos de pedra e aço, pois ela não se furtou a apresentar ao seu leitor as reações diante da matéria que os compõem, mostrando, de fato, que estamos aqui, queiram ou não. A reflexão de Ruth Guimarães no evento é um firme ponto de chegada para esta artigo, pois elege a escola, o orgulho e o livro como inegociáveis para a construção das subjetividades negras, que devem estar em todos os lugares, como bem afirmou a autora.

Como foi discutido, os anos 1980 estruturaram e fomentaram reflexões que atravessam os estudos acerca da literatura afro-brasileira ainda hoje. Os eventos literários, as publicações, os grupos Quilombhoje e Negrícia apontam para o *continuum* criativo de pessoas que se organizaram em defesa do acesso à educação para os seus, mas tendo sempre no horizonte de expectativas o tipo de educação que almejavam, que incluía as suas próprias literatura e história.

## Referências

I ENCONTRO DE POETAS E FICIONISTAS NEGROS BRASILEIROS (Org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Imesp, 1987.

ACARI, Deley de. Movimento negro e educação. In: I ENCONTRO DE POETAS E FICIONISTAS NEGROS BRASILEIROS (Org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Imesp, 1987.

ACARI, Deley de; CÂNDIDO, Ferreira; FERREIRA, J. Abílio; ALMEIDA FILHO, Hermógenes. Palavras jogadas de boca em boca. In: I ENCONTRO DE POETAS E FICIONISTAS NEGROS BRASILEIROS (Org.).

---

do folclore e da literatura oral brasileira. Seu romance de estreia *Água Funda*, de 1946, foi muito bem recebido pela crítica literária e pelos leitores, como revelam jornais e revistas da época. Houve, inclusive, uma crítica elogiosa de Antonio Candido à obra e, apesar do reconhecimento público ao talento da autora paulistana na construção de imagens literárias sobre um interior brasileiro embebido por causos, contos e “gente simples”, para usar uma expressão da autora em entrevistas, sua permanência no repertório organizado pela crítica literária não aconteceu.

*Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Imesp, 1987.

EM DEBATE a literatura negra. Folha de S.Paulo, São Paulo, 19 maio 1985. p. 75. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9142&keyword=Baldwin&anchor=4147001&origem=busca&originURL=&pd=971bb43fbde64025a8f36155a8584768>. Acesso em: 23 nov. 2020

FERREIRA, J. Abílio. Para a formação de um conceito de identidade nacional. *In: I ENCONTRO DE POETAS E FICCIONISTAS NEGROS BRASILEIROS* (Org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Imesp, 1987.

MAYA-MAYA, Estevão. Um caminho para a literatura afro-brasileira. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 8-9, p. 233-235, 1983.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

RIBEIRO, Esmeralda. Cadernos Negros: a herança afro-brasileira. *In: BRAUNS, Ennio; SANTOS, Gevanilda; OLIVEIRA, José Adão de* (Orgs.). *O Movimento Negro Unificado: a resistência nas ruas*. São Paulo: Edições Sesc: Fundação Perseu Abramo, 2020.

ROWELL, Charles H.; CUTI, Luiz Silva. (Cuti) Luiz Silva: uma entrevista. *Callaloo*, v. 18, n. 4, p. 901-904, mar./jun. 1995.

SEMOG, Éle (Org.). *Amor e outras revoluções, Grupo Negrícia: antologia poética*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. 2011. Tese

(Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Por uma militância ativa da palavra: antologias, mostras, encontros e crítica sobre literatura negra, anos 1980. *História: questões e debates*, Curitiba, v. 63, n. 2, p. 161-194, jul./dez. 2015.

### Como Citar:

MARQUES DA SILVA, A. O Quilombhoje, o Grupo Negrícia e o debate pioneiro sobre o ensino de literatura afro-brasileira nos anos 1980. *Revista Cerrados*, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.39551>